

# JOÃO ALFREDO ROHR

## Um jesuíta em tempos de transição

Pedro Ignácio Schmitz\*

Muitas pessoas conhecem João Alfredo Rohr como arqueólogo, o arqueólogo responsável pelas maiores escavações no Brasil e que organizou um curioso museu com esqueletos dos sambaquis. Pessoas de mais idade talvez o recordem como professor e diretor do Colégio Catarinense, quando ele reconstruiu o prédio dando-lhe o aspecto externo que tem hoje, construiu a casa-castelo do Morro das Pedras, junto à praia do Campeche e assistia espiritualmente crianças e jovens da Ilha. Talvez ninguém mais lembre de como ele se tornou o jesuíta que se manifestava em todas as suas atitudes e atividades.

Pretendo apresentar aspectos de sua vida nas três etapas enunciadas, reconstituindo parcelas dos cenários, que ajudem a entender a personalidade e as realizações deste jesuíta característico de seu tempo, no enfrentamento das mudanças que o século XX trazia de roldão.

### **Primeiro cenário: tornar-se jesuíta e sacerdote**

João Alfredo nasceu em 18 de setembro de 1908, na comunidade de Arroio do Meio, RS, formada por descendentes de imigrantes alemães católicos, que através de agricultura familiar conseguiam razoável qualidade de vida e tinham na igreja local o seu mais forte ponto de convergência. Esta vivência religiosa tinha sua origem em décadas de atividade dos jesuítas, que dirigiam a maior parte das paróquias entre os descendentes de imigrantes alemães e, junto com a religião, proporcionavam educação através de escolas paroquiais, cultura através de bibliotecas e atividades sociais, e promoção dos jovens através da entrada numa congregação religiosa, onde poderiam alcançar, junto com maior vivência cristã, também um mais amplo espectro de ocupações e atividades que o de sua comunidade de origem. Como as famílias eram numerosas, de todas estas paróquias se originaram abundantes vocações religiosas, para variadas instituições que aí se faziam conhecidas, tanto masculinas como femininas.

A família Rohr estava incluída neste padrão. Aos doze anos João Alfredo saiu para o seminário que os jesuítas mantinham em Parecí Novo e logo transferiram para São Leopoldo; uma de suas irmãs se tornou franciscana. Entre diversos outros jovens da mesma comunidade, também dois sobrinhos se tornaram jesuítas.

---

\* Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS. E-mail: [anchietano@unisinós.br](mailto:anchietano@unisinós.br). Bolsista de produtividade do CNPq

PESQUISAS, ANTROPOLOGIA N°67: 09-22 São Leopoldo : Instituto Anchietano de Pesquisas, 2009.

Foi no seminário, de 1921 a 1926, que João Alfredo realizou seus estudos de nível ginasial, tendo como professores e orientadores a padres e irmãos provenientes da Alemanha. Neste tempo os jesuítas, que atuavam no Sul do Brasil desde a metade do século XIX, ainda não se tinham constituído em província independente, mas eram campo de missão de uma província religiosa alemã. A autonomia administrativa só chegou em 1927.

Neste ano João Alfredo foi admitido como candidato à ordem, em Pareci Novo, onde fez dois anos de noviciado e um ano de estudos de humanidades e retórica. Depois voltou à cidade de São Leopoldo, onde por três anos se dedicou ao estudo de Filosofia clássica, no Seminário Provincial Nossa Senhora da Conceição. Este reunia candidatos ao sacerdócio pertencentes a várias congregações religiosas e às diversas dioceses do Sul do Brasil. Os professores, os orientadores espirituais, os administradores e o reitor, entretanto, eram todos jesuítas.

Após estes seis anos de treinamento e vida jesuítica ele precisaria demonstrar sua capacidade e amadurecimento numa experiência de vida real. Esta experiência costumava ser feita num dos seminários ou colégios mantidos pela ordem. A João Alfredo coube o seminário, de nível ginasial, de São Leopoldo, onde ele mesmo tinha estudado vários anos antes. Ali, durante quatro anos, ensinou Aritmética, Italiano e História Natural, acompanhou os estudantes em suas diversas atividades e se ocupou do Museu, que reunia amostras do reino mineral, vegetal, animal e humano, numa pequena amostra do mundo conhecido. Depois deste primeiro contato, nunca mais o museu saíria de sua vida.

Durante estes sete anos, de Filosofia e Magistério, ele escreveu oito pequenos artigos sobre temas de História Natural, publicando-os na revista denominada 'O Eco', do Colégio Anchieta, de boa difusão na classe média do Rio Grande do Sul.

De 1937 a 1940 fez estudos teológicos no seminário no qual tinha estudado Filosofia clássica e que agora reunia 300 jovens dos três estados do Sul do Brasil. Em 1939 foi ordenado sacerdote. Terminados os estudos teológicos faltava mais um ano de revisão, feito outra vez em Pareci Novo (1941) para se tornar jesuíta completo, pronto para atuar em qualquer uma das obras mantidas pela ordem religiosa no Sul do Brasil, ou na missão entre os índios do Mato Grosso.

Durante seus anos de estudos teológicos escreveu mais oito artigos sobre pequenos animais, publicando-os na revista da casa, chamada 'O Seminário', de boa aceitação entre os estudantes, seus familiares e amigos, os jesuítas e o clero em geral. Dentro da História Natural sua inclinação se dirigia, neste primeiro tempo, para a Zoologia, um campo em que tinha vários companheiros, alguns expoentes, como o P. Pio Buck, originário da Suíça, que chegou a reunir considerável coleção de coleópteros (cascudos) e borboletas, ainda conservada no Colégio Anchieta, em Porto Alegre; o P. Ernesto Maurmann, vindo da Alemanha, que se ocupava com serpentes, e o P. Josef

Hauser, húngaro, famoso por seus estudos de Planárias. A História Natural era, neste tempo, um importante campo de interesse dos novos jesuítas do Sul do Brasil, que continuavam, assim, a tradição de seus pais fundadores. João Alfredo fazia parte desta primeira geração de jesuítas brasileiros, não mais formados na Alemanha, mas em instituições locais (Pareci Novo e São Leopoldo), que se propunham levar as obras da nova província religiosa com grande vigor e competência, no atendimento das inúmeras paróquias entre descendentes de imigrantes alemães, na missão entre os índios do Mato Grosso, nos seminários de formação de novos sacerdotes e nos colégios de Porto Alegre e Florianópolis, onde procuravam formar elites intelectuais e sociais da classe média urbana.

### **Segundo cenário: professor e diretor do Colégio Catarinense**

Aos 33 anos de idade, o operário estava pronto para o trabalho e a destinação foi o tradicional colégio que os jesuítas mantinham na, ainda pequena, capital do Estado de Santa Catarina.

O colégio era, naquele tempo, uma comunidade educacional, na qual conviviam, debaixo do mesmo teto, as 24 horas do dia, os 7 dias da semana, o ano inteiro, educadores, educandos e auxiliares de educação e administração. As atividades abrangiam horas de aula, de estudo, de vivência religiosa, de esporte, lazer e experimentação. João Alfredo participou nesta comunidade em todas as posições requeridas: como professor, como regente de classe e de divisão, como administrador, como assistente religioso e confessor, como criador de cultura e pesquisador, até como transportador. A comunidade era fundamentalmente masculina e a disciplina, mais que a amizade e a liberdade, era a característica básica. Sendo uma comunidade implantada na cidade, suas atividades refluíam naturalmente para a população circundante.

Uma das tarefas que foram atribuídas ao P. João Alfredo nesta comunidade educacional foi o ensino, que se estendeu de 1942 a 1964, abrangendo as matérias de Física, Química e Ciências Naturais, preparadas sempre com muita seriedade. Ele escreve: “Durante 17 anos jamais levei um livro de texto para a aula, mas dei todas as aulas de Química, Física e Ciências Naturais de cor.” Ele também assume e faz crescer o museu já existente no Colégio.

Com apenas quatro anos na instituição, P. João Alfredo foi nomeado Reitor da Comunidade dos jesuítas e Diretor do Colégio, cargos que ocupou durante seis anos. A comunidade educacional se compunha, então, de 12 sacerdotes, 6 estudantes, 9 irmãos coadjutores, todos jesuítas e 14 professores leigos. Os alunos eram apenas 566, dos quais 108 eram internos, vindos de diversas partes do Estado, e 458 externos. Eles estavam distribuídos entre o curso preparatório (52), o ginásial (405) e o colegial (112). As construções eram consideravelmente inadequadas para um atendimento conveniente desses alunos, levando P. João Alfredo a duplicá-las, construindo

uma nova ala e colocando mais um piso sobre o então existente. Com isso criou a fachada que caracteriza o colégio até hoje. Nesse tempo ele também foi Presidente do Sindicato de Estabelecimentos de Ensino Primário e Secundário de Santa Catarina.

Há outro fato notável na vida do P. João Alfredo como administrador. Buscando um espaço adequado para retiros, encontros, cursos da comunidade educacional e da população em geral, ele comprou o Morro das Pedras, junto à Lagoa do Peri, no Sul da Ilha, onde construiu, sobranceira ao mar, a Vila Fátima, um verdadeiro castelo em pedra. Conta a lenda que, como o proprietário não queria vender o terreno para padres, João Alfredo se apresentou, devidamente pilchado, como um gaúcho interessado na posse de uma chácara. E comprou.

O colégio tinha uma chácara, fora de Florianópolis, na qual viviam dois irmãos jesuítas, que abasteciam a residência e o internato com artigos de primeira necessidade. Todas as manhãs bem cedo, durante décadas, P. Rohr se dirigia para lá, de caminhão, para celebrar a eucaristia com os irmãos, levá-los mantimentos e trazer o leite para a casa.

Uma vez por semana ele atendia os pobres da cidade, distribuindo feijão, arroz e pão no portão do colégio.

Sua atividade pastoral com a população da Ilha também não era pequena. De 1942 a 1943 foi capelão do Orfanato, que ficava próximo do colégio; de 1943 a 1947 foi capelão da Chácara do Puríssimo Coração de Maria; durante perto de quarenta anos deu catequese e dirigiu a Congregação Mariana no povoado de Córrego Grande, que, em vida, queria colocar o seu nome na escola da comunidade. Por muitos anos também foi assistente espiritual da Congregação Mariana da Escola Industrial, que se reunia todas as sextas-feiras na capela do Colégio.

Todas essas atividades ligadas à comunidade educacional ocupavam seu dia, de modo que o museu e as publicações ficaram num segundo plano. Mas não pararam, e o campo de interesses até cresceu. Ainda na direção do colégio, ele escreve longo trabalho (120 páginas) sobre a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina, que publica nos Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense, realizado em Florianópolis, em 1950. Com os materiais recolhidos entre os Xokleng (Botocudos de Santa Catarina), em 1954, cria o setor de etnologia indígena do Museu, onde estas preciosas peças ficam expostas.

Em 1950 e 1951 escreve trabalhos sobre três grandes grupos de plantas (Felicíneas, Pteridófitas e Orquídeas), que divulga no 'Relatório do Colégio Catarinense'. Seu colega P. Aloísio Sehnem era o especialista destes grupos no Sul do Brasil e a ele são mandadas as amostras recolhidas nas excursões. A Botânica era um dos campos de pesquisa em que vários outros colegas se destacaram, a exemplo, ainda, de João Evangelista Rick, suíço, que se destacou no estudo dos fungos, Balduíno Rambo, especialista em plantas superiores, Canísio Orth, que estudava e manipulava plantas medicinais. O

acervo deixado por estes botânicos jesuítas soma 120.000 espécimes, guardados no herbário do Instituto Anchieta de Pesquisas. À semelhança de P. Sehnem, em 1955, P. Rohr também criou o seu orquidário, de plantas selecionadas.

O ano de 1956 coloca o P. João Alfredo em contato mais direto com estes seus colegas pesquisadores. Neste ano é fundado, no Colégio Anchieta, em Porto Alegre, o Instituto Anchieta de Pesquisas, como associação de pesquisadores jesuítas da província religiosa do Sul do Brasil. No momento ainda existiam poucas universidades, seus professores davam aulas, mas eram raros os que se dedicavam à investigação. Os institutos históricos e geográficos ainda eram muito importantes por fomentarem e reunirem as pesquisas de seus associados. Os sócios fundadores do Instituto Anchieta, e os que logo foram agregados, pertenciam aos campos da Botânica, da Zoologia, da Química, da História, da Antropologia e da Arqueologia. P. João Alfredo Rohr foi um dos primeiros sócios. Mesmo que alguns dos fundadores também dessem aulas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sua referência eram os colégios, os seminários e a missão do Mato Grosso, onde jesuítas faziam pesquisa individual e autonomamente. O Instituto foi criado para dar apoio aos sócios, divulgar seus trabalhos, conservar e manter vivos os acervos dos falecidos. Nesse tempo ainda havia muitos jesuítas, a previsão de crescimento era tranqüila e muitos de seus membros jovens se preparavam para atuar no ensino superior e na pesquisa em diversos campos do saber.

Pertencer ao Instituto Anchieta de Pesquisas deu ao P. João Alfredo a possibilidade de publicar seus trabalhos e, depois de seu falecimento, garantiu a manutenção do acervo, o estudo e a publicação das escavações inéditas, a reinstalação do Museu e a continuidade da pesquisa.

### **Terceiro cenário: arqueólogo**

P. João Alfredo é mais conhecido como arqueólogo. Uma de suas primeiras ações neste campo foi a aquisição, devidamente referendada por autoridade nacional, da coleção que Carlos Behrenheuser, um rico negociante de Florianópolis, havia reunido trocando retalhos de tecido por peças arqueológicas encontradas por sítiantes em diversos lugares da Ilha. A coleção contém aproximadamente 8.000 objetos dos sambaquis, inclusive bonitas esculturas animais em pedra (zoolitos), mas também uns 80.000 fragmentos e algumas vasilhas de cerâmica Guarani, que foram usados pelo autor deste texto, em 1959, para uma primeira classificação das pinturas feitas nessas vasilhas indígenas.

Em 1958 começam seus levantamentos de sítios arqueológicos e extensas escavações, que vão durar até 1982, pouco antes de seu falecimento.

A primeira escavação, de 200 m<sup>2</sup>, foi no sítio Caiacanga-Mirim, junto à Base Aérea de Florianópolis, onde recolheu 54 esqueletos humanos, num lugar em que operários estavam extraindo areia para construção e já haviam

destruído parte do sítio arqueológico. No local tinha havido, no século XII, uma aldeia de índios semelhantes aos Botocudos catarinenses, hoje chamados Xokleng.

No ano seguinte (1959) os estudos se voltam para os sambaquis da Ilha: 5 sambaquis na Ressacada, 5 sambaquis no Rio Tavares, 3 sambaquis no Rio Vermelho.

Em 1960 são 4 os sambaquis estudados; no do Canto da Lagoa, na Praia Grande, no Rio Vermelho, faz uma escavação de 170 m<sup>2</sup>.

Em 1961 volta ao Rio Vermelho e escava mais 15 m<sup>2</sup> do sambaqui da Praia Grande. Depois sai da Ilha para estudar 10 sambaquis no vale do Rio D'Una, no município de Ibituba.

Em 1962 começa o estudo do grande sítio da Praia da Tapera, que vai ocupá-lo até 1967. Ali tinha havido, no século IX e X de nossa era, uma aldeia da mesma população da Base Aérea. Dela escava 2.000 m<sup>2</sup>, recuperando 172 esqueletos humanos, toneladas de restos de alimentos, muitos instrumentos lascados e polidos, artefatos em osso e concha e 4.500 fragmentos de cerâmica. No século XV, antes portanto da chegada dos europeus, se estabeleceu no mesmo lugar uma grande aldeia guarani, da qual o arqueólogo recuperou 20.000 fragmentos de cerâmica.

A partir de 1964 P. João Alfredo não tem mais o compromisso das aulas no colégio, sobrando mais tempo e disponibilidade para suas pesquisas, como se verá a seguir.

Paralelamente à escavação da Praia da Tapera, em 1966, ele se move para o extremo oeste do Estado, onde estuda 53 sítios arqueológicos no município de Itapiranga. Ali, nas altas barrancas do Rio Uruguai encontra acampamentos humanos que iniciam ao redor de 9.000 anos atrás e se reproduzem durante vários milênios. Mas também lhe interessam as aldeias guaranis que, do século XIII em diante, ocupam as matas virgens daquela região; nestas aldeias reúne um conjunto de grandes urnas funerárias, que hoje são admiradas no Museu.

Nos anos de 1966, 1967, 1970 e 1971 também fixa sua atenção no Planalto Catarinense, com a localização e estudo de 111 sítios arqueológicos, em Urubici, Petrolândia, Bom Retiro e municípios vizinhos. Ali descobre grandes conjuntos das chamadas 'casas subterrâneas', mas também grutas, em cujas paredes os antigos moradores tinham gravado suas enigmáticas mensagens. Em Alfredo Wagner escava 128 m<sup>2</sup> de um sítio a céu aberto, datado de 3.000 anos atrás, no qual até objetos feitos em madeira e trançados em raiz de guaimbé estavam conservados por causa da permanente umidade do solo. Ainda empresta sua experiência aos colegas do Instituto Anchieta de Pesquisas, na escavação de 'casas subterrâneas' no município de Caxias do Sul.

Em 1967, 1968 e 1969 dirige-se ao sul do Estado para um levantamento dos sambaquis de Jaguaruna. Em 1968 também estuda os petroglifos da grande Ilha de Santa Catarina e das pequenas ilhas vizinhas.

A partir deste momento começa um período de grandes escavações em sítios costeiros, e as formas de sepultamento humano, com seus esqueletos e acompanhamentos funerários, se transformam num dos pontos centrais de seu trabalho. De fato ele reuniu uma coleção muito grande de esqueletos humanos, representativos das diversas e sucessivas populações do litoral.

Em 1969 e 1974 escava 250 m<sup>2</sup> de um sambaqui datado de 2.670 anos, na Armação do Sul, onde encontra restos de 80 indivíduos.

Em 1971 escava 38 m<sup>2</sup> do sítio cerâmico sobre o qual se construiu o late Clube de Itajaí, no Balneário de Cabeçadas, onde encontra restos de 56 indivíduos.

Em 1975 escava aproximadamente 300 m<sup>2</sup> em sambaquis da Praia do Pântano do Sul, datados entre 4.500 e 3.700 anos atrás. Nesta praia, além de sepultamentos, foram encontrados vários zoolitos.

Entre 1977 e 1979 estuda dois sítios na Praia das Laranjeiras. O denominado Laranjeiras I é um sambaqui relativamente pequeno, datado de 3.800 anos atrás, no qual P. João Alfredo escavou 262 m<sup>2</sup> e recuperou restos de 52 indivíduos. O denominado Laranjeiras II, do fim do primeiro milênio de nossa era, tinha sido uma grande aldeia da tradição cerâmica Itararé, da qual ele escavou 500 m<sup>2</sup> e recuperou restos mortais de 114 humanos e mais de 5.500 fragmentos cerâmicos.

Suas últimas pesquisas, no ano de 1982, foram escavações no sambaqui da Balsinha I, em Imbituba, datado entre 3.700 e 2.300 anos atrás, no qual recuperou 22 esqueletos humanos. E o estudo de 15 sítios arqueológicos no município catarinense de Urussanga.

As pesquisas do P. João Alfredo cobriram a arqueologia de todo o Estado de Santa Catarina; a maior parte desta arqueologia é sua própria criação. Ele identificou os transitórios acampamentos dos mais antigos ocupantes das margens florestadas do Rio Uruguai, com datas que recuam a 9.000 anos atrás. Também caracterizou os sambaquis da planície costeira, remanescentes de populações que pescavam, caçavam e coletavam moluscos ao longo da costa atlântica desde aproximadamente 5.000 até 1.000 anos atrás; em seu tempo de esplendor, essas populações criaram imensos monumentos de conchas, ossos de peixes e sepultamentos humanos, cujo sentido e significado os arqueólogos continuam discutindo. No planalto descreveu as casas com pisos profundamente rebaixados e coberturas aéreas de troncos e palha, conhecidas como 'casas subterrâneas', que podem ser encontradas em grande número nas florestas de pinheiros; sua origem, ao redor de 500 anos de nossa era, é atribuída aos antepassados dos índios hoje conhecidos como Kaingang e Xokleng, anteriormente chamados Coroados e Botocudos, respectivamente. Na planície costeira, onde 'casas subterrâneas' seriam inadequadas, as populações desta cultura se tornaram pescadoras, passando a viver em grandes aldeias junto ao mar, enterrando seus mortos dentro das casas, ao longo da parede. As gravuras com misteriosos símbolos,

encontradas em grandes blocos rochosos voltados para o alto mar, são atribuídas a estas populações. Suas aldeias como as da Tapera, de Laranjeiras II e de Cabeçudas, se multiplicaram ao longo da costa desde a Ilha de Santa Catarina até a Ilha de São Francisco. Finalmente, P. João Alfredo deu alguma atenção aos antigos assentamentos dos índios guaranis, que eram agricultores de certa eficiência, viviam em aldeias compostas por várias casas de troncos e palha e enterravam seus mortos em grandes jarros, que antes tinham servido para preparar suas bebidas fermentadas. Estes não são fenômenos arqueológicos exclusivos do Estado de Santa Catarina, mas aqui tiveram um tratamento que muito contribuiu para o conhecimento das populações que povoaram e colonizaram o Brasil antes da chegada dos europeus.

## Quatro perguntas

### 1. Onde ele aprendeu a ser arqueólogo?

Quando P. João Alfredo iniciou seus trabalhos de arqueologia começava-se a falar em proteção aos sítios arqueológicos, entendendo-se como tais principalmente os sambaquis litorâneos, que iam sendo demolidos num florescente negócio de produção de cal, de adubo e de pavimentação de estradas. Ainda não se ensinava arqueologia nas universidades e muito menos se pensava em pós-graduação. Paulo Duarte, da Universidade de São Paulo e José Loureiro Fernandes, da Universidade Federal do Paraná, vinham trazendo arqueólogos estrangeiros para pesquisar no país e, através desse trabalho, ensinar a profissão a universitários brasileiros. Wesley R. Hurt treinou arqueólogos escavando em Lagoa Santa e depois em sambaquis do litoral meridional. Annette Laming-Emperaire reuniu uma primeira turma para escavar o sambaqui do Toral 51, em Paranaguá e o da Ilha dos Rosas, em Antonina; depois escavou o abrigo do Wôbeto no Planalto Paranaense e o de Lagoa Santa em Minas Gerais. P. João Alfredo acompanhou-a na Ilha dos Rosas e em Lagoa Santa. Ainda participou do 'Seminário de Ensino e Pesquisa em Sítios Cerâmicos', que Clifford Evans e Betty J. Meggers, da Smithsonian Institution, ofereceram em Curitiba. Estes cursos proporcionavam mais instrumentos práticos do que teoria, embora esta sempre estivesse presente.

Uma forma de conhecer as novas pesquisas e partilhar conhecimentos com os colegas eram os simpósios que passaram a reunir os arqueólogos iniciantes. Em 1968 e em 1969, ele participou do 'Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências', organizado pelo Instituto Anchieta de Pesquisas e, de 1968 a 1976, dos encontros de arqueologia que se realizavam por ocasião das reuniões da 'Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência'. Eram, então, as reuniões mais importantes dos arqueólogos brasileiros, não faltando alguns uruguaios e argentinos.

Mas ele falhou no decisivo 'Terceiro Seminário Goiano de Arqueologia' (1980), em Goiânia, no qual se criou a 'Sociedade de Arqueologia Brasileira'. Como ele não estivesse presente e não se inscrevesse como sócio fundador,

foi declarado sócio honorário da nova entidade. Hoje a sociedade mantém um prêmio com seu nome.

Em seu passaporte só constam duas saídas para congressos no exterior, em 1974, uma para o México e outra para o Uruguai.

## *2. Como era ele no campo e no laboratório?*

P. João Alfredo passava grande parte do ano em campo, fazendo levantamento de sítios arqueológicos ou escavando. Quando longe de sua residência procurava um estabelecimento religioso, ou alugava uma casa. Para as escavações contratava um ou dois trabalhadores braçais e às vezes trazia estudantes do curso de Arqueologia da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro; raramente admitia uma mulher.

A rotina diária: dormir cedo, levantar com o canto do galo para rezar, depois envergar o macacão negro com mangas, amarrar o lenço ao pescoço, calçar as botas gaúchas e cobrir a cabeça com um chapéu de explorador. Ele mesmo fazia a escavação, anotava, desenhava e fotografava o material e o recolhia. Seu maior cuidado eram os esqueletos humanos; muitos ele cimentou para levá-los inteiros ao museu. Ele mesmo preparava as refeições para si e para seus ajudantes; elas consistiam de um cozido em que vinham misturados, na mesma panela, elementos muito variados.

Quando não estava em campo, vivia numa velha casa que fazia parte do colégio, onde estavam sua cama, seus materiais de trabalho e os esqueletos e materiais que estava curando. Foi ali que morreu depois de entregar a seu jovem ajudante Rodrigo Lavina o último manuscrito e pedir que ele apagasse a luz.

## *3. Quem financiava a pesquisa?*

P. João Alfredo começou seu trabalho usando recursos da comunidade na qual vivia, o Colégio Catarinense. Em algum momento, na década de 1960, começou a receber pequena verba anual da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional destinada a localizar, caracterizar e proteger os sítios arqueológicos de Santa Catarina. Durante muitos anos, enquanto este órgão não possuía funcionários próprios, foi seu representante honorário no Estado e, nesta função, mais de uma vez arriscou a vida defendendo sambaquis em demolição para produção de cal ou calçamento de estradas.

Quando seu trabalho se tornou conhecido, ganhou uma bolsa de pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisas, além de pequenas verbas regulares, donde saíam os recursos para a manutenção de seu Jeep, da alimentação da pequena equipe, dos materiais de campo e laboratório e da participação em congressos. Os recursos eram poucos e precisavam ser rigorosamente administrados.

## *4. Como ele divulgava seus trabalhos?*

P. João Alfredo já publicava trabalhos quando ainda estudante no seminário de São Leopoldo, usando revistas de boa aceitação, a que tinha acesso.

Depois de admitido ao Instituto Anchietano de Pesquisas, entre 1959 e 1971 usou a revista 'Pesquisas, Antropologia' para 13 trabalhos e, entre 1967 e 1968, divulgou na Revista Vozes seu trabalho sobre a pesquisa em Itapiranga e 8 seqüências sobre a escavação da Tapera.

De 1971 a 1984 valeu-se principalmente de 'Notícias para os Nossos Amigos', uma publicação da Província jesuítica, para se comunicar com o grande público ligado à ordem religiosa. São 26 contribuições em que narra seus fantásticos achados para os que se vão tornar seus admiradores. Nesse tempo também contribuiu com 14 trabalhos para a edição em português do 'Livro da Família', 5 para a edição alemã, 'Jahrbuch der Familie', anuários de extraordinária divulgação popular em todo o Sul do Brasil. Isto o torna seguramente o arqueólogo mais lido no Brasil. Suas contribuições anuais eram ansiosamente esperadas pelos leitores. Ele considerava esta divulgação importante para a cultura do povo e como um bom meio de proteção dos sítios, mostrando o que eles são e representam. Estas publicações também o mantinham em contato com as pessoas com as quais tinha trabalhado e, no retorno, recebia muitas novas indicações.

Nos últimos anos de sua vida fez uma aproximação com a Universidade Federal de Santa Catarina, publicando 4 trabalhos nos Anais do Museu de Antropologia. O último é um catálogo de todos os sítios que pesquisou no Estado, indispensável para quem pesquisa no Estado.

Além destas contribuições, mais orientadas para leitores determinados, ele publicou um livro sobre os achados do Pântano do Sul e trabalhos em diversos outros meios de comunicação, científica e popular. Para uma relação completa pode-se ver Ivone Verardi, em 'Pesquisas, Antropologia' 40 (1985):23-31. Com algumas exceções, as publicações eram relatos do trabalho em andamento, com destaque para seus achados mais interessantes.

Durante todo o tempo ele ia fazendo a curadoria dos materiais que vinham do campo, preparando-os para o museu e para a divulgação. Como ele era uma equipe de um homem só, grande parte das maiores escavações ficou inédita ou incompleta e mesmo as publicadas mereciam uma boa revisão. Por isso, depois de sua morte, todas elas foram estudadas ou reestudadas pela equipe do Instituto Anchietano de Pesquisas, que as publicou nos seguintes números de 'Pesquisas, Antropologia': Tapera, no número 45 (1990), Armação do Sul, no número 48 (1993), Laranjeiras II, no número 49 (1993), Laranjeiras I, Pântano do Sul e Cabeçadas, no número 53 (1996). Com isto, nada de seu trabalho se perdeu. As coleções estão na reserva técnica à disposição dos pesquisadores, ou em exposição no Museu, aberto a visitação pública.

O museu que, em 1963 se chamou 'do Homem Americano', em 1965, 'do Homem do Sambaqui', por ocasião de sua reinauguração recebeu o acréscimo 'Padre João Alfredo Rohr, S.J.'. Ele mantém, parcialmente, as

características de sua fundação e crescimento, compondo-se, hoje, de um setor de arqueologia, no qual estão expostos objetos das pesquisas; de material etnográfico dos Botocudos; de animais empalhados, conchas e fósseis; de uma amostra mineralógica; de uma coleção de moedas; e de um pequeno conjunto de vestes e objetos religiosos em uso até a década de 1960. Anteriormente ainda havia um considerável setor histórico, que não é mais apresentado.

### **A vida de um jesuíta em tempos de transição**

P. João Alfredo Rohr era um jesuíta do seu tempo, no limiar de um tempo novo.

Era do seu tempo. Levava vida retraída, não escutando rádio, nem assistindo sessões cinematográficas ou musicais, tampouco se perdia em longas conversações, ganhando, assim, tempo para o estudo e o recolhimento (são palavras suas). Era um religioso tradicional, anterior ao Concílio Vaticano II. Contava com a formação comum de todo jesuíta, em Humanidades, Filosofia e Teologia, sem nenhum diploma universitário para o trabalho que mais o destacou, a Arqueologia. Nisto ele não estava sozinho: nos colégios da época havia outros jesuítas tradicionais que se distinguiam por seus estudos na Botânica, na Biologia, na Geografia, na Química, na Física, na Astronomia, e mais ainda nos diversos campos das Ciências Humanas. Os colégios da ordem, como o Catarinense, antes de se multiplicarem as universidades, não eram só educandários, mas centros de Cultura e de atendimento cultural, espiritual e humanitário à população circundante. Na divulgação escrita de suas pesquisas, Rohr se preocupava mais em descrever seu trabalho em termos de cultura popular, e menos em redigir sisudos artigos para seus colegas cientistas. Também o museu era muito mais um instrumento de cultura popular do que de estrita ciência.

Mas ele estava no limiar de um novo tempo. A arqueologia e a proteção dos sítios arqueológicos faziam parte deste movimento moderno. E Rohr estava nele de corpo inteiro, como pesquisador e defensor deste 'novo' patrimônio. Para melhorar seu desempenho ele acompanhou cursos e estágios que pesquisadores estrangeiros vinham oferecer no Brasil e se fez amigo deles na busca de conhecimentos e recursos financeiros; o casal Evans datou a Tapera e vários sítios de Itapiranga. Ele se tornou bolsista-pesquisador, no nível de chefe de pesquisa, do Conselho Nacional de Pesquisas, no tempo ainda pequeno e acessível. Ele incorporava em sua pequena equipe de campo alunos do único curso de arqueologia que se implantava no Brasil e foi escavar com eles no Rio de Janeiro, colocando à disposição dos futuros arqueólogos sua experiência adquirida na prática. Ele participava dos simpósios anuais que diversas instituições começavam a promover no Sul e Sudeste do Brasil. Mas não esteve no Terceiro Seminário Goiano de Arqueologia, talvez porque a temática estivesse longe demais de seus trabalhos e, com isso, não participou

da fundação da Sociedade de Arqueologia Brasileira, que representava a modernidade no setor. Em consideração de seus méritos, a sociedade o declarou sócio honorário e em cada reunião bianual oferece o Prêmio Padre João Alfredo Rohr a um arqueólogo, que se tenha destacado na pesquisa e proteção de sítios arqueológicos brasileiros. Já tardiamente, a Universidade Federal de Santa Catarina lhe propôs uma associação, mas como já estava perto da idade da aposentadoria, achou mais prudente continuar desenvolvendo autonomamente suas atividades e mantendo seu museu do que entregá-lo a uma instituição pública, onde seu acesso e domínio seriam reduzidos.

P. João Alfredo não era arqueólogo acadêmico, nem arqueólogo teórico, mas arqueólogo das primeiras tarefas: reconhecer e caracterizar, salvar e preservar os sítios arqueológicos e seus materiais. Isto é bem explícito em suas atividades, em suas publicações, no seu Museu. O desbravador de um território inculto, preparando-o para uma nova etapa e buscando garantir os sítios e o material para as gerações que o sucederiam.

Esta é a personalidade do jesuíta João Alfredo Rohr: educador, professor, administrador, sacerdote, homem de Cultura e Ciência, que deixou uma larga esteira no coração de centenas de milhares de pessoas que o conheceram pessoalmente, que leram seus trabalhos ou visitaram o seu Museu.